

**Rodolfo Teófilo: o sertanejo entre o ideal e a raça**

MANOEL CARLOS FONSECA DE ALENCAR\*

A categoria sertão comporta múltiplas representações, vincadas no imaginário e na experiência histórica brasileira, pelo fato de possuir “um enorme poder de evocação de imagens, sentimentos, raciocínios, sentidos.” (BARBOSA, 2000:33). Para além de ser o espaço do inculto, do primitivo, do intocado, é também o espaço da revolta, da rebeldia, da insurreição e da insubordinação contra o poder constituído (CASTELO, 2002). O sertão também é o espaço de uma tradição política atrasada, imersa no favoritismo e no clientelismo de uma elite local que atravanca a modernização do país. E muito mais: é o espaço das “tradições e costumes antigos”, das festas populares, do cordel, da religiosidade “lírica”, quase profana, beirando o “fanatismo”. O sertão da miséria e da seca, da “indústria da seca”. Espaço qualificado fora de si mesmo, sempre em relação ao espaço que lhe opõe: à cidade, ao litoral, ao “que é delicado, cultivado e civilizado.” (BARBOSA, 2000: 38)

Até o século XIX o sertão era tido não como um lugar delimitado, política e geograficamente, mas como um “lugar do outro”, daqueles que se encontravam longe da civilização, lá onde não alcança a letra e a norma, inculto, no duplo sentido de ser sem “indústria” e sem saber. Sertão seco, agreste e rude das populações negras, índias, mestiças, pobres, vagabundas, ociosas, praticamente avessas ao processo civilizador (LEONARDI, 1996). Segundo Ivone Cordeiro Barbosa, nesse caso:

*O sertão é o lugar das gerais, da ‘terra de ninguém’; é inculto por não ser cultivado, mas também por ser o lugar dos animais, dos homens de segunda classe, de índios bárbaros e selvagens e de negros rebeldes, enfim, dos “sem poder”. É também o lugar do desconhecido, da permanência, do exótico, da ‘drogas e minas’. O sertão é o espaço da exclusão. (BARBOSA, 2000: 36)*

Essa multiplicidade de sertões não possui uma essencialidade em si mesma, fora dos sujeitos que a nomeiam. Esse conjunto de imagens foi movimentado na experiência histórica brasileira para os mais diversos fins, por diversas classes e grupos políticos, não cabendo buscar nelas mesmas algum significado histórico, e sim nos sujeitos ou grupos que as representam, que as tomam como referência para justificar sua intervenção social. Por isso

---

\* Manoel Carlos Fonseca de Alencar é professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestre em História Social pela UFC e cursa atualmente o doutorado pela UFMG.

mesmo essas imagens compõem a realidade histórica e devem ser compreendidas em seu contexto. (ALBUQUERQUE JR, 1999)

A obra de Rodolfo Teófilo deixa emergir uma multiplicidade de sertões. O sertão das festas populares, das pequenas cidades abandonadas, só ocupadas nos dias de festa, o sertão típico, que conforma a nacionalidade brasileira. Também o sertão do banditismo, da política do bacamarte, “olho por olho, dente por dente”; de homens honrados, corajosos, simples, ingênuos, cordiais, companheiros etc. Também o sertão do índio, negro, mestiço, todos avessos à civilização. Mas, sobretudo, o sertão da miséria e da seca, e por isso da insegurança, da imprevisibilidade, do presságio. São vários os sertões de Rodolfo Teófilo, mas nunca o sertão que se nomeia, nunca o sertão visto de dentro, sempre de fora, pelo cidadão, pelo intelectual na procura de dar sentido a uma experiência do outro, na busca de sua própria experiência. Nesse sentido, segundo Ivone Cordeiro Barbosa:

*dava indícios da existência de uma problemática, geralmente pensada ou, pelo menos, generalizada pela literatura de ficção, muito mais como uma questão urbana, própria dos processos do crescimento e do progresso nas cidades industriais, do que referida como problemática rural (BARBOSA, 2000: 174)*

Na obra de Rodolfo Teófilo persiste uma velha oposição entre o campo e a cidade. No campo existem homens éticos, honrados, ingênuos, verdadeiros, companheiros etc. Na cidade, por sua vez, residem homens mundanos, interesseiros, hipócritas, espertalhões etc. Contudo, essa comunidade ética do sertão é bem selecionada pelo escritor. Nem todo o sertanejo é ético, puro e ingênuo, só uma parte deles, na verdade, só uma pequena minoria.

No final do século XIX, a cidade se viu tomada por um cosmopolitismo frenético, decorrente da ligação cada vez mais estreita do Ceará com o capitalismo internacionalizado. Rodolfo Teófilo e outros letrados, apesar de adeptos de uma sociedade urbana, civilizada e cosmopolita, reagiram de forma muito negativa diante da forma como ia se processando a civilização na província, sobretudo como ela atingia de forma tão avassaladora a cidade de Fortaleza. Nesse sentido, é comum a referência aos portos, que toda semana traziam as novidades da Europa: vestidos, fraques, bebidas, fumos etc. Ou melhor, Rodolfo Teófilo discordava radicalmente dessa forma de civilização que desdobrava apenas no consumo frenético e conspícuo das elites cidadinas, ávidas por se tornarem civilizadas segundo o molde

européu. Essa é também uma velha estrutura de sentimentos que opõe o homem do campo, austero, sóbrio, frugal, ao da cidade, perdulário e ostentador (WILLIAMS, 1989). Dentro desse contexto, Rodolfo Teófilo atribui um conjunto de qualidades ideais ao homem do campo. Se não, vejamos. Manuel de Freitas é o protagonista de *A Fome* (1890), coronel da Guarda Nacional, branco, proprietário, “descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão”. O romancista caracteriza-o assim:

*A musculatura estava reduzida, mas mesmo assim ninguém duvidava que os braços daquele homem pudessem sustentar um touro. A caixa torácica bastante larga e bem conformada guardava os órgãos mais importantes da vida são e vigorosos. Naquelas formas não havia um traço que não denotasse virilidade... A par da energia do caráter estava a bondade do coração, a doce expansividade no lar entre a família e os amigos. Aquela figura de aço, desfazia-se em carinhos no berço dos filhos, em serviço junto dos oprimidos (TEÓFILO, 1979:4)*

Então, o homem do campo é saudável, viril, terno, solidário, preso aos valores da família e da amizade. Por trás de sua aparência rude escondem-se os melhores e mais honestos valores, a mais sincera ternura. Carolina, filha de Manuel de Freitas, herdou dele todas as suas qualidades, sejam elas físicas ou psicológicas, como descreve Rodolfo Teófilo:

*Tinha quinze anos e o vigor das naturezas completamente sadias. O seu todo denotava a saúde dos organismos desenvolvidos ao ar do campo. Havia em seu corpo uma perfeita harmonia de formas, todas obedecendo às leis de uma rigorosa estética. Tinha um ar nobre que se percebia logo à primeira vista. Os olhos grandes de um azul celeste tinham a suavidade das almas puras e castíssimas, e davam uma expressão de vontade à fisionomia expandida em um rosto do mais correto oval, emoldurado por uma saneta de cabelos louros. O nariz era aquilino. A boca formada por lábios rosados, conservava a castidade dos primeiros anos, e nunca fora maculada pela malícia ou desdém. O clima equatorial com seu sol de fogo criara aquela flor loura, branca e de olhos azuis. (TEÓFILO, 1979:12)*

A comunidade ideal do sertão, para Rodolfo Teófilo, é muito reduzida, ela é composta pelos homens brancos e proprietários. Segundo Ivone Cordeiro Barbosa, esses homens brancos representam, para essa intelectualidade, focos de civilização no sertão. Rodolfo Teófilo, assim como Adolfo Caminha, via esses homens brancos do campo como portadores de uma ancestralidade da elite sertaneja. Também com certa esperança de que o sertão poderia ser civilizado, até mais do que a cidade, contanto que sua composição social fosse radicalmente modificada. Essa visão fica bem clara quando o romancista descreve os perfis

dos sertanejos que não sejam o do homem branco e proprietário. Vejamos como ele descreve, por exemplo, João das Neves, protagonista de *O Paroara* (1899):

*Um caboclo com apurada sensibilidade moral, com nervos para sentir uma saudade, para chorar a separação de um amigo, seria um salto da natureza, que jamais viola as suas leis. Quem com alguns conhecimentos de antropologia, observasse detidamente o tipo de João das Neves, havia de descobrir nele, embora meio apagados, vestígios de uma outra raça, que não era a que predominava em suas formas e feições. A adolescência em plena maturidade havia completado o desenvolvimento de sua carnação em todo vigor de vida e de saúde. A musculatura de seus ascendentes índios salientava-se na pujança de todas as suas linhas. A natureza havia sido grandemente pródiga e tão pródiga que não esquecer de dar a sua criação além de todas as qualidades, algumas atávicas, físico-psíquicas. Assim, naquele caboclo, entroncado, havia alguns traços que não era do indígena brasileiro, era da raça branca. O seu todo era de índio; mas descendo-se a um exame mais apurado, aos detalhes, via-se que a cor de cobre da sua pele era um pouco mais desmaiada do que a do cabelo verdadeiro; os seus olhos mais rasgados, menos oblíquos e com um íris de um castanho quase negro; os cabelos, embora de um preto intenso, corridos, não eram duros como os do tapuia e no rosto havia barba, falha, é verdade, mas ocupando todo o sítio peloso das faces. O elemento branco se denunciava nesses pequenos detalhes, porém mais se acentuava na forma e no tamanho das mãos e na desigualdade dos dedos. A estas manifestações da raça branca comprovando a lei do atavismo, se juntavam outras psíquicas de não menor valor: João das Neves tinha uma alma afetiva, era capaz de amar. (TEÓFILO, 1974:27)*

A descrição minuciosa do autor, ressaltando características anatômicas e de raça, fazendo questão de afirmar sua vinculação com a antropologia, nos mostra o quanto as teorias raciais aprendidas da Faculdade da Bahia, marcaram profundamente a sua visão de mundo. No trecho acima percebemos que as boas qualidades de João das Neves, como o amor e a afetividade, foram herdadas da raça branca, já as más qualidades ele as herdou, por *atavismo*, de seus ascendentes índios. Contudo, Rodolfo Teófilo depositava esperança visível na mestiçagem<sup>1</sup>. Para ele, o cruzamento do índio e do negro com o branco resultava no predomínio do último sobre os primeiros e, desta forma, havia uma possibilidade de, a partir desse cruzamento, embranquecer o povo brasileiro. Como a maioria absoluta da população do sertão era composta de índio, negros e caboclos, nos quais os caracteres brancos não eram ainda preponderantes, o homem do campo ético, honrado e fraterno, para Rodolfo Teófilo, representava uma minoria da população do sertão.

<sup>1</sup> Marisa Corrêa analisa o debate entre Silvio Romero e Nina Rodrigues, em que o primeiro depositava certa esperança no povo brasileiro por acreditar que com o passar do tempo este seria embranquecido através do cruzamento da raça negra e branca. Já Nina Rodrigues era cético com respeito a este cruzamento. A autora demonstra que esse era um debate muito comum entre os intelectuais desse período. (CORRÊA, 1998)

Muito interessante nesse sentido é a forma com que o autor compõe o perfil de Jesuíno Brilhante, o protagonista de *Os Brilhantes* (1897). Era homem branco, proprietário, mas “portador de uma nevrose de homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, até então em estado latente.” (TEÓFILO, 1972: 76). Quer dizer, o personagem tinha, através da miscigenação, apagado praticamente todos os traços de seus ascendentes índios, a não ser a propensão para o homicídio, que lhe ficou por atavismo. Tendo sido morto um parente seu pelos “Calangros”, o seu pendor para o assassinio se manifestou de forma acentuada, levando-o a um desejo de vingança incontrolável. Daí em diante o romance narra as peripécias heróicas do personagem, lutando praticamente sozinho contra uma horda de malfeitores, sempre muito perspicaz, hábil, inteligente, forte, invencível, matando sem piedade seus inimigos bandidos. Mas Jesuíno Soares, o Brilhante, “não era um assassino comum, um homem torpe, abusando da força e do poder, que se havia incutido no ânimo de seus patrícios para cometer toda a sorte de crimes, toda casta de misérias” (TEÓFILO, 1972: 227). A herança da raça branca sobrepujava as deixadas por seus ascendentes indígenas. O trecho seguinte é ilustrativo nesse sentido:

*Nessa vida de tribulações, esperando a todo instante a bala que o derribaria para sempre, Jesuíno não deixava de tirar parcela desse tempo e empregá-lo em beneficiar os desgraçados, socorrer os oprimidos. Constituiu-se juiz e juiz absoluto naquelas cercanias. A justiça que administrava era tão reta que em breve foi grande a sua fama. Só tomava conhecimento dos crimes praticados contra a honra e a propriedade. E ai daquele que os tendo cometido, não os reparasse com o casamento ou a restituição. Para os que se negavam só havia uma pena – a morte. Assim, castigando com a maior severidade e justiça os delinquentes, conseguiu quase acabar com aqueles crimes dentro da área de sua jurisdição. Os defloramentos e dos estelionatos, diminuíram muito, porque o Brilhante era inexorável quando os punia. Uma das qualidades que mais recomendavam Jesuíno à confiança e respeito de seus conterrâneos, era a retidão de sua justiça. Para ele todos eram iguais e provou isso inúmeras vezes decidindo questões entre pobres e ricos. O filho de um fazendeiro de grandes haveres deflorou uma menor, filha de um vaqueiro, supondo por sua posição escapar à justiça do brilhante(...)  
A população daquelas paragens era afeiçoada a Jesuíno, afeiçoão esta que crescia pelos seus atos de nobreza e abnegação. (TEÓFILO, 1972:228)*

Essa cena acontece em um momento muito especial do romance. Depois de a seca tomar o sertão, Jesuíno se refugiou em uma serra. Enquanto a população atingida pela seca cometia todo tipo de selvageria e barbaridade, Jesuíno manteve todos os seus atributos de honra e justiça intocados e conseguiu, como nenhum outro, sobreviver em tempo de miséria.

E o que parece mais interessante, mesmo nesse tempo de crise, conseguiu criar um foco de civilização no sertão, impondo a ordem e o respeito àquela comunidade de miseráveis e desclassificados.

Completamente outras são as qualidades que Rodolfo Teófilo atribui, nesse romance, aos mestiços, negros e índios. José, negro que Jesuíno libertou e que o acompanhou na luta contra os Calangros, já pelo fim do romance, o trai, levado pelo desejo torpe e incontrolável de possuir uma das vítimas da seca que Jesuíno acolheu e protegeu. É assim que Rodolfo Teófilo descreve José: “Temperamento ardente e libidinoso... sentia-se devorado por desejos sensuais.” (TEÓFILO, 1972: 223). O outro companheiro de Jesuíno, alcunhado Cobra verde, um mulato, que no final também o traiu, passou a seguinte impressão ao personagem: “Tinha conhecido um sujeito muito parecido com ele, que além de bêbado por índole tinha sentimentos da víbora da fábula.” (TEÓFILO, 1972: 187). Mas é na caracterização dos Calangros, os vilões do romance, que Rodolfo Teófilo mais carrega nos atributos de raça de forma depreciativa e preconceituosa:

*Os Calangros formavam uma grande família de mestiços, vulgarmente chamados cabras, no norte do Brasil, produto do cruzamento do índio e do africano, e inferior aos produtos de que é formada. O cabra é pior do que o caboclo, e do que o negro. É geralmente um indivíduo forte, de maus instintos, petulante, sanguinário, muito diferente do mulato por lhe faltarem as maneiras e a inteligência deste. E, tão conhecida é a índole perversa do cabra que o povo diz: não há doce ruim, nem cabra bom. (TEÓFILO, 1972:193)*

Analisando esses perfis, vemos que Manuel de Freitas, um branco puro, reúne todas as qualidades de homem honrado, íntegro, companheiro, inteligente, sensível etc. Jesuíno Brilhante, que tinha uma ascendência muito remota da raça negra ou indígena, herdou uma nevrose que o levava ao homicídio. Mas suas acentuadas características da raça branca, o faziam um homem justo, honesto e caridoso, capazes de conformar um herói. Já João das Neves, por possuir uma ascendência indígena muito próxima, mas apresentar qualidades da raça branca marcantes é capaz de ter inteligência e sensibilidade, até maiores do que se podia esperar, contudo esses caracteres não conformam um herói. Os outros personagens secundários, negros, índios, mestiços, são todos degenerados por defeitos atávicos de raça e, por isso, desonestos, assassinos, libidinosos, traiçoeiros, feios etc. No caso dos Calangros, esses atributos são ainda mais depreciativos, pois eles eram fruto do cruzamento de raças

inferiores, o negro e o índio. Desta forma, na percepção do escritor, a cidade e o campo eram espaços demarcados, inclusive, pela origem de sua população: no sertão, em sua maior parte, estava o mestiço rude e ignorante, impermeável aos valores civilizados; na cidade, uma maioria da raça branca capaz de realizar os seus projetos de progresso e civilização, mas que entregue a costumes superficiais, deveria ser educada para a sociedade que ele pretendia criar no Brasil.

Há também outras representações do sertão a que Rodolfo Teófilo deu ênfase em sua obra romanesca. O sertão das festas populares, das trovas, dos costumes agrícolas; sertão que conforma uma identidade local, típica, folclórica. Paralelamente a um forte cosmopolitismo burguês e citadino, já no final do século XIX, entre os naturalistas, emergiu um desejo de diferenciação local, que delimitasse uma cultura popular e sertaneja; recortando e selecionando aspectos dessa cultura que pudessem compor um Ceará distinto, autêntico, verdadeiro, em oposição a um ambiente urbano impessoal, indiferenciável, estandardizado. Essa é uma tendência que se aprofunda ao longo da década de 1890, com obras como *Trovas do Norte* (1894), de Antônio Sales, até culminar, em 1904 com *Dona Guidinha do Poço*, de Oliveira Paiva, e *Luzia-Homem*, de Domingos Olympio. Romances pioneiros do Regionalismo, e que já apresentam esse ideal estético de maneira bem mais definida. O próprio Rodolfo Teófilo publicou, em 1913, *Lira Rústica*, conjunto de versos que buscam incorporar a linguagem e a forma de versificação popular. Vamos tentar compreender sumariamente, nas próximas linhas, esses elementos no Romance *O Paroara*.

Rodolfo Teófilo descreve, em *O Paroara*, esses dias de festa que acontecem nas pequenas vilas do sertão. A passagem seguinte ressalta o fato de, nessas pequenas vilas, o cenário ser completamente modificado em período de festa. Sendo a população do Ceará preponderantemente rural, essas pequenas vilas tinham uma função muito pequena. Sediando normalmente o aparato político, jurídico e administrativo e uma feira para onde convergiam os produtores locais, com o fito de trocar, comprar ou vender alguns produtos que não fossem produzidos em suas terras, e, principalmente, a igreja matriz daquela localidade, onde aconteciam as principais festas do sertão.

*A vila de uma perspectiva feia, como toda a povoação sertaneja, tinha na véspera da festa do natal um certo encanto, uma vida que não lhe era própria e uma alegria inteiramente desusada.*

*As ruas, que nos outros dias eram soturnas e quase desertas, começaram do meio dia para a tarde a se encher de passageiros, que formigavam em todos os rumos, com pressa de quem chega e quer tomar logo rancho. Todas as casas se abriam na mais franca hospitalidade. Dos frades das esquinas já todos ocupados passaram os cavalos a ser amarrados nas estacas das cercas dos quintais. (TEÓFILO, 1974:47)*

No mesmo sentido encontraremos no romance a descrição do Bumba-Meu-Boi, das danças populares, da viola etc.

*As danças populares, os legendários sambas se organizam em pleno ar em diversos bairros da povoação. A lua em plenilúnio claro como o dia, enchia a vila de uma luz tão suave que fazia vontade para melhor gozá-la andar léguas em estradas de areias branca.*

*Já a brisa, que de manso perpassava trazia as notas do baião, o soluçar da viola e o gemer da harmônica; os sambas começavam. Chorava a viola e gemia a harmônica nostalgicamente...*

*Em vez da **Árvore de Natal** faziam o **Bumba-Meu-Boi**. O boi era a entidade de que mais se ocupavam na sua vida pastoril. Era ele o símbolo da força e da prosperidade, a figura obrigada de seus torneios, sagrando heróis, ou amesquinhando covardes. Não satisfeitos de tê-lo real, valente, audacioso, faziam-no artificial para os seus divertimentos do Natal.*

*Os maracás estrugiram e o populacho o seguiu, acompanhado de suas violas que choramingavam um saudoso baião. Uma guarda avançada de garotos precedia as figuras alegóricas, que em compacto bando subiam a rua principal, onde divertiriam por dinheiro os burgueses abastados.*

*Vinha na frente o **caga-para-ti** ou o **previlégio**, um fantasma de forma humana, esguio, encolhendo-se até ser anão e estirando-se até ficar na altura de dois homens. Seguia-o a ema, uma imitação grosseira, mas que dava mais ou menos uma idéia da ave. No centro do bando vinha o boi, uma ficção desenvolvida, com muito jeito e arte. A cabeça feita de uma caverna natural, com seu bem talhado par de cornos, que articulava a um pescoço curto que se implantava num corpo bovino, sem pernas, mas modelado numa carnação soberba. A pele era representada por um branco lençol de algodão, onde se desenhavam manchas negras, admiravelmente dispostas para bem representar um boi lavrado... (TEÓFILO, 1972:51)*

Essa descrição se demora ainda por três laudas, detalhando no pormenor outras figuras do folguedo – o caipora, a burrinha, o vaqueiro -, explicando e narrando o ritual e o sentido dos personagens dentro deste. Mas à frente Rodolfo Teófilo descreve o casamento de João da Neves com Chiquinha com o mesmo detalhamento da passagem, evidenciando costumes típicos do sertão. Especial destaque ele dá ao costume de, depois de realizado o casório, os noivos montarem a cavalo e arrancarem na frente, enquanto os outros cavaleiros esperam o casal sumir no horizonte para também saírem em retirada, num páreo em que o primeiro a chegar na casa do recém casados ganha o prêmio pré-estabelecido pelos concorrentes. Da

mesma forma é a descrição do “adjunto”, costume entre os sertanejos de realizar em forma de mutirão a queima do terreno, construção de cercas, a debulha do feijão etc. Na descrição que faz particularmente da queima, Rodolfo Teófilo entremeia o trabalho com trovas populares – algumas, inclusive publicadas no Jornal *O Pão* –, deixando transparecer um clima de amizade, de companheirismo, de respeito, de brincadeira, de descontração, que amenizavam o duro trabalho no campo. Como vemos, é uma preocupação marcadamente folclórica. O autor primeiro seleciona aqueles hábitos sertanejos que lhe parecem mais típicos e capazes de conformar uma identidade local, depois os descreve minuciosamente de modo a dar, àqueles que não os conhecem, uma idéia precisa de seus personagens e da forma como acontece o ritual.

O que procurei analisar até esse momento do texto, a partir da obra de Rodolfo Teófilo, foi o sertão sem a seca. O sertão da seca é outro sertão. Se o sertão sem a seca emana beleza e uma tipicidade envolvente, o sertão da seca envolve de tristeza uma paisagem árida e sombria. Rodolfo Teófilo procura, em longas passagens, em todos os romances, deslindar uma paisagem modificada pelo fenômeno das secas:

*O panasco desfeito em pó, era levantado pelo vento e em nuvens espessas atufava-se na mata. As hastes sarmentosas das parasitas, quebradas as gavinhas, estendidas, desenrolavam as espirais na terra quente, como serpentes, que fossem lançadas no rescaldo de um forno. Nem um inseto se aquecia ao sol nascente. (TEÓFILO, 1979:37)*

Essa paisagem modificada pela seca desfaz os sonhos de um campo edênico, de um refúgio da civilização, de um local de tranquilidade e beleza, para emergir a miséria, o caos, a multidão. Essa forma dicotômica e pontual que de um lado vê o sertão sem seca como repleto de estabilidade e felicidade, e de outro vê o sertão assolado pela seca como o espaço da miséria. Ou melhor, como se as diferenças sociais fossem determinadas por fatores climáticos e raciais, esconde mais do que deixa transparecer a realidade do sertão cearense. Essa comunidade ideal do sertão, sem rupturas e diferenças, é selecionada pelo observador. Ela refere-se, como foi dito acima, a uma minoria branca e proprietária e não à maioria da população sertaneja. A noção de que o sertão emana tranquilidade e beleza, diz respeito não ao homem, mas à natureza intacta e inculta, que possibilitava ao cidadão que vai passar uns dias no campo, uma inspiração poética e certa paz de espírito, não encontrados na cidade.

Então, é nessa situação de miséria que representa a seca, que Rodolfo Teófilo molda os personagens dos seus romances. Eles trazem características atípicas, bem diferentes das que se encontram no seu viver cotidiano. Como uma característica própria do naturalismo, o escritor procurou compreender como a seca (*momento*) agiu pressionando o comportamento do sertanejo, tornando-o outro: se anterior à seca o sertanejo é, por natureza, ingênuo e simples, com o advento da seca, e as misérias que ela traz, ele beira a animalidade, desfazendo-se de todos os seus princípios humanos. A idéia da *degenerescência social* era muito comum no século XIX, normalmente associando a pobreza e a raça ao crime e à perversão. Alguns cientistas acreditavam que a exposição do indivíduo a determinado meio social degenerado poderia imprimir caracteres indelévels à sua personalidade. Se este indivíduo fosse oriundo de raça negra ou indígena, estas já carregavam em sua constituição moral e física, uma propensão maior ao crime, à selvageria, à libertinagem etc. Encontram-se aí elementos fortemente tensionados e ambíguos da visão de Rodolfo Teófilo sobre o sertão. Ele estava entre o ideal e a raça. Se o sertanejo, ao contrário do cidadão, é ingênuo, simples, solitário e honesto, ele é também, devido a uma origem em raças inferiores, propenso à barbaria. Mas, vinculado ao cientificismo do século, com suas explicações deterministas em termos de raça e clima, Rodolfo Teófilo passa a acreditar que fenômenos visivelmente sociais fossem na verdade naturais. Essa foi a forma que o autor encontrou para explicar as ações de animalidade que ele viu na seca de 1877. A descrição, feita em *A Fome*, de um assalto a um comboio do governo com víveres – ocorrido quando os personagens ainda se encontravam em sua longa jornada para Fortaleza - procura mostrar as condições desumanas a que estavam reduzidos os retirantes em consequência de sua miséria.

*A multidão se revolucionava, seguia movida unicamente pelo instinto de conservação. Todos avançavam tendo em mira a farinha defendida pelos comboeiros. Os mais fortes vociferavam contra os freteiros; os mais fracos os seguiam também, mas de gatinhas ou de rastos, como reptis. Depois de uma marcha de minutos, uma confusão infrene, como se o delírio famélico houvesse acometido a todos e alucinado, tornava mais revolta a onda de famintos, que se movia sempre ao som de gritos, gemidos e prantos. Em crescente alucinação, seguiam, acotovelando-se: os que sem força caíam, morriam pisados ou asfixiados em uma atmosfera quase sólida, quase poeira. (TEÓFILO, 1979:43)*

Sobre o aspecto aterrador que podem assumir as ações humanas, beirando a animalidade, o cronista não poupou a tinta. Em toda a sua criação literária, seja romanesca ou histórica, voltada ao fenômeno das secas, sobressaem descrições grotescas das imagens de antropofagia, de fetos natimortos, de homens devorados vivos por urubus, de carcaças humanas perambulando como zumbis. Cenas grandiloqüentes e terrificantes de seres humanos entregues à selvageria, alucinados pelo seu estado de miséria.

Contudo, no entender de Rodolfo Teófilo, essa propensão para a animalidade, essa suscetibilidade à degenerescência, não atinge a todos de forma igual. Em alguns momentos Rodolfo Teófilo deixa bem marcada a sua posição ideológica. Ao criar uma trama em que o personagem principal, Manuel de Freitas, coronel da guarda nacional, e Jesuíno Soares, personagem branco e proprietário, de *Os Brilhantes*, sofrem como um escravo, ou um trabalhador livre, em consequência das secas, o romancista enxergou todas as mazelas que a seca causou no campo. O que não compreendeu foi que esta seca atingiu de forma bem diferente as diversas classes sociais do sertão. E mais, enquanto os retirantes se deixavam entregar pela miséria e agiam como selvagens, roubando, saqueando, matando, comendo carne humana, Manuel de Freitas e Jesuíno Soares mantiveram todos os seus bons valores com honra, educação e uma sensibilidade apurada. Esse elemento deixa bem claro que o escritor acreditava em uma sociedade bem mais hierarquizada, cujas diferenças marcassem profundamente o caráter das pessoas. Afirmar que a maioria dos retirantes, negros, índios e mestiços, cometendo todo tipo de selvageria e animalidade, enquanto os dois personagens brancos mantêm intocadas qualidades de nobreza, é um pensamento racista. Se isso trazia certa esperança ao autor em ver civilizado o sertão – pois nas condições mais adversas, de fome e miséria, Freitas e Soares conseguiram agir com honra e justiça – é inadmissível de se aceitar como explicação para o fenômeno das secas.

Rodolfo Teófilo deixou de focar um dos pontos que nos possibilitariam explicar porque a seca desestabilizava de forma tão acentuada o modo de vida no campo, obrigando os sertanejos a migrarem para a capital em busca de alguma assistência que pudesse minorar o seu estado de miséria. Ao não enxergar as gritantes diferenças sociais, e não raciais, que existia no campo, marcado pelo latifúndio, pela exploração do trabalho de homens, parte escravizados, parte em regimes de parceria – ainda mais excludente com a instalação das relações do tipo capitalista no sertão, devido à economia do algodão.

## Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

CASTELO, Sander Cruz. *O sertão convulsionado, sertão dilacerado: "O dragão da maldade contra o santo guerreiro no contexto sócio-político-cultural dos anos 60*. Monografia de Bacharelado: UFC/CH, 2002.

CORRÊA, Marisa. *As Ilusões da Liberdade: a Escola da Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista (SP): EDUSF, 1998.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996

TEÓFILO, Rodolfo. *História da Secca do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

\_\_\_\_\_. *O paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974.

\_\_\_\_\_. *A Fome; Violação*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

\_\_\_\_\_. *Os Brilhantes*. Brasília: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do livro, 1972.

\_\_\_\_\_. *A seca de 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

\_\_\_\_\_. *A sedição de Juazeiro: Crimes contra o governo da República*. Fortaleza, Terra de Sol, 1969.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.